

De vila a cidade: impactos da abertura da navegação do rio Paraguai em uma povoação da Fronteira Oeste.

*** Domingos Savio da Cunha Garcia.**

Resumo:

Fundada em 1778 na fronteira oeste da colônia lusitana na América e com grande presença de índios chiquitanos em sua composição populacional inicial, a nova povoação de Vila Maria do Paraguai realça a importância da presença indígena na consolidação do poder português nessa região. A essa característica na composição étnica dessa povoação, se juntou a configuração do seu traçado urbano, bastante característico. Essas características serão destacadas por viajantes que passaram por Vila Maria na primeira metade do século XIX. No entanto, na segunda metade do século XIX outros viajantes que também passaram pela povoação constatarão mudanças. Se desenvolveu uma reconfiguração da população, com uma crescente população branca, mudanças no traçado urbano de Vila Maria e a própria alteração do nome da povoação, que passa a se chamar São Luiz de Cáceres. Esta comunicação procura destacar a importância da abertura da navegação do rio Paraguai, ocorrida em 1858, como fator determinante nessas mudanças.

Palavras-Chave: Fronteira Oeste do Brasil; Índios Chiquitanos; Espaço Urbano; Viajantes; Navegação pelo Rio Paraguai;

A povoação de Vila Maria do Paraguai foi fundada em 1778, a mando do capitão general da Capitania de Mato Grosso, Luiz de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, com a presença de mais de sessenta índios chiquitanos em sua população inicial, conforme termo de fundação enviado a Lisboa (UFMT, s.d., s.p.). Essa quantidade de índios correspondia a quase metade da população inicial da nova povoação. A partir da fundação, novas levadas de índios chiquitanos foram atraídos para Vila Maria, fazendo adensar esse componente étnico, também conforme os documentos enviados à metrópole portuguesa pelo capitão-general (UFMT, s.d., s.p.)

Viajantes que passaram por Vila Maria entre o final do século XVIII e a primeira metade do século XIX, constataram a presença dessa população indígena como

* Doutor em Economia Aplicada – área de concentração em História Econômica, pela UNICAMP. Professor do Departamento de História da UNEMAT, campus de Cáceres.

componente étnico importante da povoação, sinalizando a permanência e estabilização daquela situação inicial. Tal constatação está presente nos relatos de Hercules Florence e Francis Castelnau, este último tendo visitado Vila Maria em 1845, portanto 67 anos após a fundação dessa povoação.

Esses viajantes que passaram por Vila Maria na primeira metade do século XIX também constataram a permanência do traçado urbano inicial da povoação, constituída de duas filas de casas reunidas em torno de uma praça, articulada de um lado por uma igreja e de outro pela margem esquerda do rio Paraguai.

A partir da segunda metade do século XIX, no entanto, essa composição étnica começou a perder força, a população branca aumentou e o antigo traçado urbano começou a dar lugar a uma planta urbana traçada em formato retangular, típico das cidades modernas.

Neste artigo discutimos a influência nesse processo da abertura da navegação do rio Paraguai, ocorrida em 1858.

Já destacamos em artigo anterior a importância da presença de grande número de índios chiquitanos na composição da população da nova povoação de Vila Maria do Paraguai, fundada pelos portugueses em 1778, na fronteira oeste de sua colônia americana.¹

Localizada na margem esquerda do rio Paraguai, a povoação de Vila Maria foi fundada no local onde os portugueses pudessem ter o controle daquele rio na região e onde funcionava um antigo registro, criado para evitar o descaminho do ouro produzido na região de Vila Bela. A nova povoação estava a meio caminho da estrada que ligava Vila Bela (a capital de então) a Cuiabá (a cidade mais povoada), e a cerca de setenta quilômetros, rio Paraguai acima, do antigo Marco do Jaurú, que estabelecia os limites entre os territórios coloniais português e espanhol na América. Portanto, a fundação

¹ Domingos Savio da Cunha Garcia. *Índios Chiquitanos na fundação de Vila Maria (1778): pontos para um debate*. Anais do XVI Jornadas Internacionales sobre Misiones Jesuíticas. San Ignacio de Velasco – Bolívia, 2012. P. 1-23.

dessa povoação e a sua localização sinalizavam de maneira clara o valor estratégico dessa região para os portugueses.

Os lusos tinham grandes dificuldades para estruturar as suas novas povoações na fronteira oeste com colonos europeus e precisavam atrair índios para consolidar a posse de seus territórios, mas havia dificuldades em efetivar essa orientação como os índios da região. Mesmo após o Diretório Pombalino, de 1757, que orientou toda uma política da metrópole para a atuação de seus subordinados em relação aos índios na América, os portugueses continuaram a ter dificuldades, ainda que tivessem efeitos pontuais.²

Essa presença de índios chiquitanos em Vila Maria foi o resultado exitoso da política portuguesa de atração desses índios, moradores das vizinhas províncias espanholas de Mojos e Chiquitos, então vivendo um processo de crise na gestão das reduções jesuíticas da região.

Esse trabalho consciente de incentivo ao contrabando e de atração de índios das províncias de Mojos e Chiquitos, vinha se acentuando desde a expulsão dos jesuítas e a sua substituição por administradores civis, curas e padres seculares, quando as missões organizadas pelos inacianos no oriente da Audiência de Charcas entraram em decadência. Já no governo do capitão-general João Pinto da Câmara (1765-1769) a fuga de índios para o território português se generalizou. (MEIRELES, 1989, p. 161)

A vantagem de atrair índios das missões jesuíticas localizadas em território espanhol vizinho se assentava em seu já avançado estado de adaptação à religião católica, ao seu disciplinamento para o trabalho em diferentes atividades e ao seu sedentarismo, que, facilitaram a sua permanência em Vila Maria, ao contrário dos

² Sobre a política indigenista portuguesa para o século XVIII ver Batriz Perrone Moisés. Índios livres e índios escravos: os princípios da legislação indigenista do período colonial (séculos XVI a XVIII). In. Manoela Carneiro da Cunha (Org.). *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras; Secretaria Municipal de Cultura; FAPESP, 1992. P. 115-132.

inconstantes índios da região (principalmente os bororos, mais numerosos), que resistiam à tomada de suas terras e à política de descimento e aldeamento orientados no Diretório Pombalino.

A essa primeira característica na composição étnica da população de Vila Maria do Paraguai, se somou outra, a de seu traçado urbano, registrado por desenhistas da expedição de Alexandre Rodrigues Ferreira. O traçado urbano de Vila Maria era constituído basicamente por uma grande praça, em torno da qual se articulavam duas filas de casas de lados opostos. O lado situado a leste da praça se abria para uma pequena igreja; já a parte oeste era aberta para a margem esquerda do rio Paraguai (Figuras 1 e 2). No entanto, é possível perceber que a planta de Vila Maria do Paraguai trazia as características de uma povoação que havia sido planejada, com linhas retas e espaços definidos.

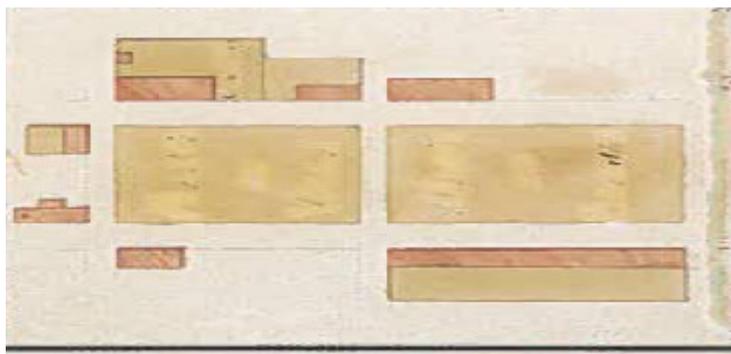


Fig. 1 – Planta de Vila Maria do Paraguai – Casa da Ínsua – Portugal

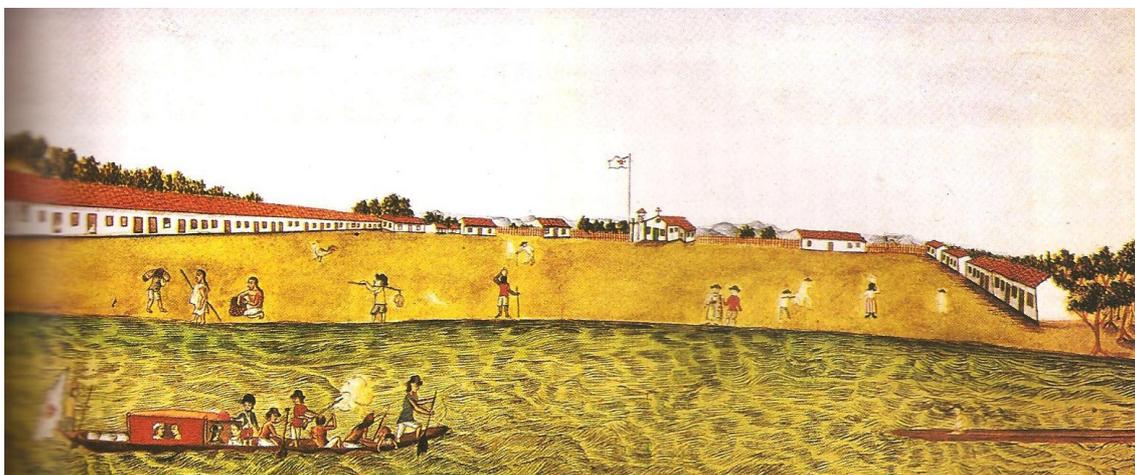


Fig. 2 – Vila Maria do Paraguai, Século XVIII. Autor não identificado. Acervo Casa da Ínsua – Portugal.

Em 1827, Hercules Florence, integrante da expedição científica liderada pelo barão de Langsdorff, ao percorrer a região da fronteira oeste do Brasil assim descreveu Vila Maria:

Do mesmo modo que os outros povoados de Mato Grosso, não merece este a qualificação de vila. Um renque de casas em mau estado, de cada lado de uma grande praça, uma igrejinha sob a invocação de São Luiz de França, muros de separação por trás das casas, eis tudo. Mas o grande rio ai está, cercando a O. a praça e a povoação...

Seis ou sete homens brancos, trezentos Caburés descendentes de índios aldeados no tempo de D. Maria I, mulatos e negros, eis toda a população da vila. Muitos homens e mulheres andam nus da cintura para cima.

Vila Maria, sita à margem do Paraguai e no caminho de Cuiabá a Vila Bela, está destinada a tornar-se um ponto importante para o comércio, logo que cessem os óbices da tacanha política moderna. (FLORENCE, 1977: 199-200)

Sem especificar o que significava “os óbices da tacanha política moderna”, apesar de prever um futuro positivo para Vila Maria, Florence descreveu a vila como estando com certo aspecto de decadência. Florence registrou também a permanência como característica étnica da população de Vila Maria, de “trezentos *Caburés* descendentes de índios aldeados no tempo de D. Maria I”. Ou seja, a composição étnica majoritariamente de índios chiquitanos se mantinha tal como em seus momentos iniciais.

Em 1845, portanto já em meados do século XIX, o explorador e naturalista francês Francis Castelnau, em expedição científica patrocinada pelo governo de seu país, percorreu as regiões centrais da América do Sul e também passou por Vila Maria, que descreveu da seguinte forma:

Vila Maria tomou este nome por ter sido fundada sob o reinado de D. Maria I. A cidade parece ser destinada a rápido crescimento; mas o descaso do governo, e também dos próprios habitantes, de dar com a falta de comunicação, com o baixo Paraguai, tem impedido que ela se desenvolva como era de esperar. Sua população não vai além de quinhentas ou seiscentas pessoas e toda a freguesia de que ela é centro não possui mais de mil e oitocentos habitantes de todos os matizes, inclusive cerca de duzentos escravos. Contam-se entre os habitantes uns seiscentos descendentes, diz-se dos Chiquitos da Bolívia. (CASTELNAU, 2000: 421)

Também para o naturalista francês, a povoação “estava destinada a rápido crescimento”, mas estava em atraso, responsabilizando esse quadro pelo impedimento da navegação. Castelnau também registra como característica dos habitantes de Vila Maria a presença entre “mil e oitocentos habitantes de todos os matizes”, de “uns seiscentos descendentes, diz-se, dos Chiquitos da Bolívia”. Ou seja, cerca de um terço da população de toda a freguesia, eram integrantes ou descendentes dos índios chiquitanos, atraídos pelos portugueses das reduções jesuíticas espanholas durante o período

colonial. Provavelmente a maior parte dos habitantes do núcleo urbano de Vila Maria, em meados do século XIX, ainda seria de índios chiquitanos ou seus descendentes.

Em 1860, portanto pouco mais de uma década após a passagem do naturalista francês, um outro naturalista e geólogo, Rodolfo Waeneldt, também passou por Vila Maria, em uma viagem de exploração pela província de Mato Grosso, a mando do governo imperial. Descrevendo a situação de Vila Maria, Waeneldt diz que

Vila Maria, apenas fundada em 1778, tem presentemente uma população menor que de Cuiabá, mas cresce de dia em dia por causa de sua vantajosa posição. Os roceiros, que até agora moravam em grandes distâncias um de outro, procuram centralizar-se ali, tornando-se assim inteiramente nula a povoação do recôncavo, já por si tão diminuta. Agora, reina ali bastante gosto pelas edificações, e a vila, embora não possua tantos e tão grandes edifícios como Vila Bela, não tem no entanto nenhum tão arruinado e tão desprezado (WAENELDT, 2001: 22).

Após descrever o constante desmoronamento das casas da vila, provocado pela ação das águas do rio Paraguai, os benefícios da terra, da presença de grandes fazendas nas cercanias da povoação, Waeneldt compara a situação de Vila Maria com Cuiabá e diz que “Indubitavelmente Vila Maria é preferível a Cuiabá e mais apropriada para a Capital da Província por sua posição do que qualquer outro lugar” (WAENELDT, 2001: 23).

Dessa forma, o rio Paraguai é um diferencial importante para fazer de Vila Maria uma cidade com potencial grande para se desenvolver.

Em 1862, outro viajante que percorreu Mato Grosso foi o genovês Bartolô Bossi. Essa viagem foi apresentada por Bossi como sendo exploratória e relatada no livro *Viagem Pitoresca pelos rios Paraná, Paraguai, São Lourenço, Cuiabá e Arinos*, publicado pela primeira vez em 1863, em língua espanhola, em Paris (BOSSI, 2008: 9).

Nesse relato da viagem, Bossi descreve os recursos naturais e minerais, assim como os aspectos físicos e geográficos de Mato Grosso, sempre procurando apontar suas vantagens e desvantagens, além de suas impressões sobre as qualidades e defeitos de sua população. Bartolomé Bossi também esteve em Vila Maria, que descreveu assim:

Entre o rio Paraguai e Cuiabá forma-se uma espécie de península a que antes me referi, e que estes formosos rios banham por ambas as costas, além de outra infinidade de afluentes menores que banham seu seio. Nesta península, e sobre a costa oriental do rio Paraguai, está situada Vila Maria, último povoado brasileiro nesta altura da parte oeste. Vila Maria é o povoado mais importante depois de Cuiabá; tem de três a quatro mil habitantes, e podem chegar até ali embarcações a vela e a vapor; ainda no presente faz-se essa navegação em grandes canoas.

Esta península é a mais apropriada para a colonização, à parte muitos outros pontos importantes e ricos da província de Mato Grosso; mas a proximidade dos rios por onde exportar o valioso fruto do trabalho com grande facilidade, faz-me assinalá-la com preferência pelas grandes riquezas que encerra, e Vila Maria como posição mais vantajosa. (BOSSI, 2008: 110)

Em seguida Bartolomé Bossi faz uma descrição das riquezas naturais da região de Vila Maria. Termina fazendo alguns conselhos ao governo imperial, notadamente para que fosse incentivada a colonização.

Nesse relato Bossi também apontava as vantagens da região de Vila Maria sobre as outras regiões da Província, vantagens que estavam ligadas ao rio Paraguai, por onde se poderia “exportar o valioso fruto do trabalho com grande facilidade” (BOSSI, 2008: 110).

Nesses relatos dos viajantes citados, há uma percepção de que a povoação de Vila Maria começava a passar por um processo de desenvolvimento, proporcionado por suas riquezas naturais e pela presença do rio Paraguai, que possibilitaria a exportação dessas riquezas, já que a povoação seria acessível por embarcações a vapor.

O acontecimento marcante da década de 1860 para o Império foi a Guerra do Paraguai, que se desenvolveu entre o final de 1864 e 1870. Essa guerra teve em Mato Grosso parte de suas operações, quando a província foi ocupada por tropas paraguaias entre 1864 e 1868. Durante a Guerra do Paraguai, Mato Grosso passou por um momento delicado, com queda acentuada e desorganização em sua produção, epidemia de varíola e o isolamento provocado pelo fechamento da navegação do rio Paraguai.

Terminada a guerra e reaberta a navegação do rio Paraguai, o fluxo de comércio foi retomado e ganhou grande impulso, com a formação de um setor mercantil importante, ligado ao comércio de importação e exportação.

Esse processo vai então ser decisivo no processo de crescimento de Vila Maria, que passa a ser um centro dinâmico na província de Mato Grosso, atraindo para o seu centro urbano a população branca, formada por proprietários que até então viviam nas fazendas e localidades em torno da vila, e passam a residir em seu núcleo urbano. Em Vila Maria também se estabelece um número crescente de comerciantes estrangeiros, composto por portugueses, espanhóis e italianos, ajudando na reconfiguração étnica da população da povoação. A forte presença indígena herdada do processo de formação da povoação, no período colonial, vai se diluindo com a presença crescente de uma população branca que se adensa no seu perímetro urbano.

Essa população passou a ter força política e a pressionar pela reorganização administrativa da povoação. Como consequência, em 1874 Vila Maria passou a se chamar São Luiz de Cáceres, através de lei provincial que elevou a vila à condição de município. No mesmo ano, São Luiz de Cáceres também é elevada à condição de sede da 2ª comarca judiciária de Mato Grosso, que estava sediada até então em Poconé e que tinha Vila Maria como um de seus termos (RELATÓRIO DE 1874, 1874: p. 54).

Uma outra expressão desse desenvolvimento econômico são as mudanças no traçado urbano de Vila Maria, que vai deixando o antigo formato, herdado do período colonial, com as duas filas de casas alinhadas em torno da praça central, para passar a ter um formato quadrangular típico das cidades modernas, com ruas e praças traçadas,

em um rápido processo de expansão urbana (Figura 3). Em 1860, um grande proprietário rural que estava se estabelecendo em Vila Maria solicitou autorização da Câmara Municipal para construir um cemitério, que então passa a fazer parte do espaço urbano da povoação (MENDES, 1998: 77)

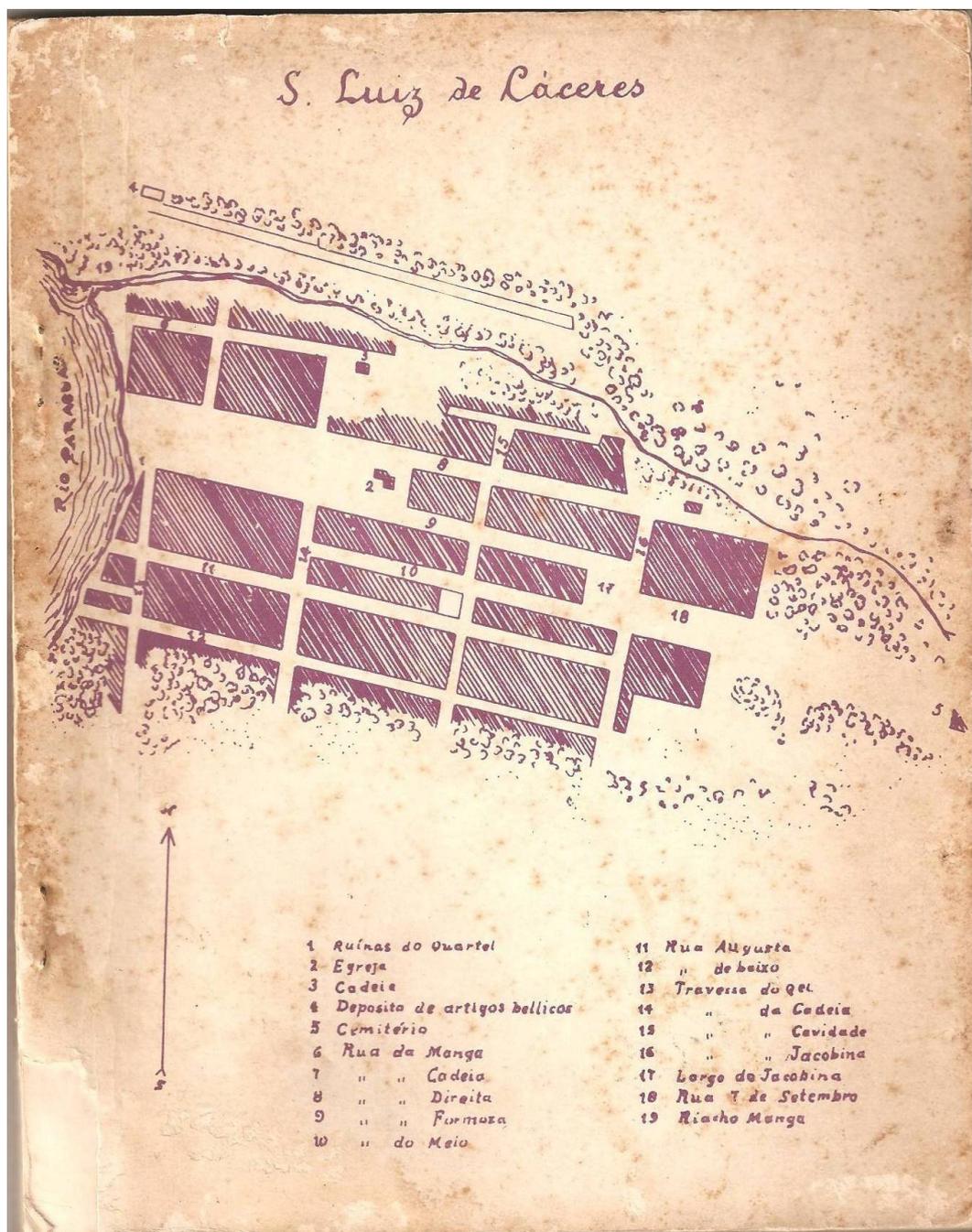


Fig. 3 - Planta de São Luiz de Cáceres: 1876 – Seção de Iconografia – Biblioteca Nacional

Diante dessas transformações perguntamos: que fatores teriam contribuído para as transformações que essa típica povoação de fronteira passou na segunda metade do

século XIX, alterando a composição étnica de sua população e reorganizando o seu traçado urbano, dando-lhe um formato semelhante àqueles das cidades modernas?

A década de 1850 é considerada um momento de virada na história do Brasil, com acontecimentos marcantes, que trariam grandes mudanças econômicas e sociais. É de 1850 a lei que pôs fim ao tráfico de escravos da África para o Brasil, a Lei de Terras, a criação do segundo Banco do Brasil, o Código Comercial, entre outras iniciativas. É nessa década que o país se integra com força aos circuitos do comércio internacional e passa a receber não só mercadorias importadas, antes acessíveis somente a uma minoria da população litorânea, mas que começa a chegar também a diferentes rincões do interior do país, inclusive a suas fronteiras mais distantes (ALENCASTRO, 1997: 36-44).

No caso de Mato Grosso, o acontecimento decisivo que iria mudar as perspectivas dessa província localizada na fronteira oeste do Império, foi a abertura da navegação pelo rio Paraguai, ocorrida efetivamente em 1858, após o tratado de 1856 ser ratificado por Carlos Lopes, então governante do Paraguai.

Esse tratado permitiu à população daquela província da Fronteira Oeste, um acesso rápido à capital do Império, através da rota pelo Rio da Prata, mais segura e mais confortável do que os longos, difíceis e demorados trajetos pelo sertão. A viagem pelo rio Paraguai e pelo rio da Prata passou a ser feita em cerca de 30 dias, tempo bem menor do que os quatro a cinco meses necessários para percorrer o trajeto por terra entre Cuiabá e o Rio de Janeiro (GARCIA, 2009, p. 51-52).

Com a navegação franqueada a embarcações de todas as bandeiras até o porto alfandegado de Corumbá, Mato Grosso também se integrou aos circuitos do capital mercantil e a província passou a receber os fluxos que o comércio internacional proporcionava naquele momento, impulsionado pelos capitais que o fim do tráfico de escravos desviava para essa atividade (Ibidem).

Um forte comércio de importação e exportação se desenvolveu então em Mato Grosso, proporcionando às cidades que dele se serviram um rápido desenvolvimento, notadamente aquelas localizadas às margens do rio Paraguai ou de seus afluentes.

O desenvolvimento do comércio de importação e exportação permitiu que Vila Maria se tornasse um centro comercial importante da Província de Mato Grosso. A abertura da navegação potencializou as riquezas naturais da região e a povoação rapidamente se tornou um centro de exportação de produtos extrativos e um importante centro comercial de produtos importados de diferentes partes do mundo que chegavam à Província de Mato Grosso, notadamente da Europa.

Vila Maria do Paraguai, depois São Luiz de Cáceres, se integrou nesse circuito mercantil, passando a sofrer as mudanças que o desenvolvimento do capital mercantil proporcionava, e que se refletiram na composição de sua população e no seu traçado urbano. Mas esse reordenamento na composição da população e no traçado urbano de Vila Maria, também foi acompanhado por novas demandas e novos interesses, ligados a essa nova elite que passava a residir naquele núcleo urbano. Essa nova elite urbana de Vila Maria, passou a demandar poder político, a presença de instituições estatais, a reordenar o espaço urbano e a promover a higienização da povoação.

Essas transformações mostram que aquela pequena povoação, localizada na fronteira oeste do Brasil, que se ligada ao mundo pelo caminho fluvial do rio Paraguai, também sofria as mudanças que estavam se desenvolvendo com grande intensidade na Europa, onde as cidades estavam passando por um processo de reconfiguração e reordenamento, expressão do desenvolvimento capitalista que a Revolução Industrial havia acelerado.

Fundada no período colonial pelos portugueses, na fronteira oeste de seu território colonial na América, para afirmar o seu domínio sobre aquele território, a povoação de Vila Maria passou por um processo de reordenamento em seu espaço urbano na segunda metade do século XIX, típico de cidades latino-americanas do período (RAMINELLI, 1997: 200-202). A composição étnica de sua população e o

traçado urbano da povoação também se alterou, pelo menos visualmente, tal como passou a ser descrita pelos viajantes que a percorreram, exprimindo uma nova configuração econômica e social que a abertura da navegação pelo rio Paraguai abriu. Vila Maria do Paraguai (São Luiz de Cáceres, a partir de 1873) permaneceu como uma cidade de fronteira, mas sofrendo uma reconfiguração típica das cidades modernas do período, de interiorização da ideologia do progresso, expressa na narrativa dos viajantes que por ela passaram na segunda metade do século XIX. Se verificou em Vila Maria aquela inversão que caracteriza as cidades contemporâneas, em relação às cidades mais antigas, ou seja, de cidades dominadas pelo campo que a cerca, sujas, mal traçadas, a cidade passa a dominar esse campo, expressando um lugar seguro, confortável, higienizado, enfim um lugar civilizado, como preconizavam os homens do Iluminismo (BRESCIANNI, 1998, p. 240-243).

As mudanças por que passaram Vila Maria do Paraguai, se desenvolveram, portanto, fundamentalmente após a abertura da navegação do rio Paraguai. A circulação de mercadorias de forma cada vez mais intensa refletiu também em uma nova relação entre a parte da população que se integrou nesse processo e a cidade, tendo como resultado a sua reconfiguração populacional e espacial.

FONTES:

LEVERGER, Augusto – Barão de Melgaço. *Apontamentos cronológicos da Província de Mato Grosso*. Cuiabá: IHGMT, 2001. Publicações avulsas, nº 19.

RELATÓRIO apresentado a Assembleia Legislativa do Mato Grosso pelo exm. sr. tenente coronel Francisco José Cardoso Junior, no dia 20 d'agosto de 1871. Cuiabá, Typ. de Souza Neves & Comp.a [n.d.]

RELATÓRIO apresentado a Assembleia Legislativa Provincial de Mato-Grosso na segunda sessão da 19.a legislatura, no dia 3 de maio de 1873 pelo presidente da província, o exm. snr. general dr. José de Miranda da Silva Reis. Cuyabá, Typ. da "Situação" de Souza Neves & C.a [n.d.]

RELATÓRIO apresentado á Assembléa Legislativa Provincial de Matto-Grosso na primeira sessão da 20.a legislatura, no dia 3 de maio de 1874 pelo presidente da província, o exm. sñr. general dr. José de Miranda da Silva Reis. Cuiabá, Typ. da "Situação" de Souza Neves & C.a [n.d.]

BIBLIOGRAFIA:

- ALENCASTRO, Luiz Felipe de. Vida privada e ordem privada no Império. In: ALENCASTRO, Luiz Felipe de (Org.) / NOVAIS, Fernando Antônio (Dir.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. P. 11-93.
- BASTOS, Uacury Ribeiro de Assis. *Os jesuítas e seus sucessores. (Moxos e Chiquitos – 1767-1830)*. São Paulo: Revista de História USP, 1974, Boletim LI.
- BRESCIANNI, Maria Estela Martins. História e historiografia das cidades, um percurso. In FREITAS, Marcos César de (Org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998. P. 237- 258.
- BOSSI, Bartolé. *Viagem Pitoresca pelos rios Paraná, Paraguai, São Lourenço, Cuiabá e o Arinos*. Trad. Maria do Rosário de Fátima Gomes Godinho. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2008.
- BOXER, Charles Ralph. *A Igreja militante e a expansão ibérica: 1440-1770*. Trad. Vera Maria Pereira. São Paulo: Cia das Letras, 2007.
- CARVALHO, Silvia M. Schmuziger. Chaco: encruzilhada de povos e ‘melting pot’ cultural. In: Manoela Carneiro da Cunha (Org.): *História dos índios no Brasil*. São

- Paulo: Companhia das Letras; Secretaria Municipal de Cultura; FAPESP, 1992. P. 457-474.
- CASTELNAU, Francis. *Expedição às regiões centrais da América do Sul*. Belo Horizonte, Rio de Janeiro: Itatiaia, 2000.
- CORRÊA FILHO, Virgílio. *História de Mato Grosso*. Ed. fac-similar. Várzea Grande: Fundação Júlio Campos, 1994.
- CUNHA, Manoela Carneiro da (Org.). *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras; Secretaria Municipal de Cultura; FAPESP, 1992.
- FLORENCE, Hércules. *Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas, de 1825 a 1829*. Trad. do Visconde de Taunay. São Paulo: Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1977.
- MEIRELES, Denise Maldí. *Guardiães da Fronteira. Rio Guaporé, século XVIII*. Petrópolis: Vozes, 1989.
- MENDES, Natalino Ferreira. *Memória cacerense*. Cáceres: Carlini & Carniato, 1998.
- MOISÉS, Batriz Perrone. Índios livres e índios escravos: os princípios da legislação indigenista do período colonial (séculos XVI a XVIII). In: Manoela Carneiro da Cunha (Org.). *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras; Secretaria Municipal de Cultura; FAPESP, 1992. P. 115-132.
- MORAES, Maria de Fátima Mendes Lima de. *Vila Maria do Paraguay: um espaço planejado para consolidar a fronteira oeste – 1778-1803*. 141 f. Cuiabá: UFMT, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Departamento de História. Dissertação (mestrado em História), 2003.
- RAMINELLI, Ronald. História Urbana. In: CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo (Org.). *Domínios da História. Ensaios de teoria e metodologia*. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997. P. 185-202.
- UFMT. *Fundação de Vila Maria - Cáceres*. Cuiabá: UFMT, [s.d.]
- WAENELDT, Rodolfo. *Exploração da Província de Mato Grosso*. Cuiabá: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, 2001. Publicações Avulsas.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL